

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

KAUANY BORTOLOTTO DE JESUS

**FATORES DETERMINANTES DA MORTALIDADE EMPRESARIAL DA REGIÃO
SUL DE SANTA CATARINA NA PERCEPÇÃO DO CONTADOR**

CRICIÚMA

2019

KAUANY BORTOLOTTO DE JESUS

**FATORES DETERMINANTES DA MORTALIDADE EMPRESARIAL DA REGIÃO
SUL DE SANTA CATARINA NA PERCEPÇÃO DO CONTADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias.

CRICIÚMA

2019

KAUANY BORTOLOTTO DE JESUS

**FATORES DETERMINANTES DA MORTALIDADE EMPRESARIAL DA REGIÃO
SUL DE SANTA CATARINA NA PERCEPÇÃO DO CONTADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Contabilidade Gerencial.

Criciúma, 10 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias - Doutora - (UNESC) - Orientador

Prof.^a Patriele de Faveri Fontana - Especialista - (UNESC)

Prof.^a Andréia Cittadin - Mestra - (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por me conceder o dom da vida, saúde e a oportunidade de estar realizando este passo tão importante na minha vida. Chegar até aqui não seria possível sem a ajuda de algumas pessoas, e por isso, agradeço a todas elas. Começando pela minha família, em especial meus pais, Claudio e Joelma, que me deram amor, educação e apoio, sempre me incentivando aos estudos e a cursar a graduação que eu escolhi. À minha irmã, que mesmo longe, sempre esteve ao meu lado como uma grande amiga e companheira. Ao meu namorado, por ser uma pessoa atenciosa e sempre apoiar todas as minhas escolhas. Aos meus amigos, com quem compartilho muitos momentos de felicidade e que me deram inúmeros dias de alegria durante essa caminhada.

Agradeço ainda, a todos os meus professores, que durante todo o período da graduação me ensinaram muitas lições valiosas. Aos colegas e amigos que eu conheci dentro do curso de Ciências Contábeis, que me ajudaram a enfrentar as dificuldades que surgiram durante esses quatro anos e meio de graduação, em especial, as minhas amigas do lado direito e esquerdo da carteira. Agradeço ainda pelas orientações que tive com a Prof. Dra. Almerinda, que me auxiliou em todas as dificuldades encontradas em meio a elaboração deste trabalho. Por fim, agradeço a todas as oportunidades que a graduação me trouxe e por conhecer pessoas que levarei para sempre no meu coração.

“Empreendedores são aqueles que entendem que há uma pequena diferença entre obstáculos e oportunidades e são capazes de transformar ambos em vantagem.”

Maquiavel



FATORES DETERMINANTES DA MORTALIDADE EMPRESARIAL DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA NA PERCEPÇÃO DO CONTADOR

Kauany Bortolotto de Jesus¹

Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias²

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo identificar os fatores determinantes da mortalidade empresarial da região sul de Santa Catarina na percepção do contador. Foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, na qual foram utilizadas pesquisas documental e de campo. Na primeira foram coletados dados da junta comercial do estado. A amostra da pesquisa de campo contou com 34 contadores da região sul de Santa Catarina e utilizou um questionário estruturado para obtenção dos dados. A partir dos resultados obtidos, foi possível identificar como fatores determinantes da mortalidade empresarial da região sul de Santa Catarina, na percepção dos contadores os seguintes: em relação ao empresário a falta de competência na gestão, em relação ao negócio a falta de planejamento estratégico e em relação ao ambiente externo a carga de tributos.

PALAVRAS – CHAVE: Empreendedorismo. Insucesso Empresarial. Planejamento. Contador.

AREA TEMÁTICA: Contabilidade Gerencial

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o empreendedorismo tem sido uma opção para as pessoas, contudo, nos últimos anos a criação de empresas em nosso país tornou-se uma saída para o desemprego causado pela crise, ou seja, está ligado a necessidade das pessoas (SEBRAE, 2017). Da mesma forma, Roldão; Monte-Mor e Tardin (2018) apresentam evidências de que as pessoas estão mais propícias ao empreendedorismo em momentos de recessão.

De acordo com o relatório executivo da Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2017), o empreendedorismo tem grande relevância para o desenvolvimento econômico e social do Brasil tendo em vista que, em 2017, a atividade empreendedora empregou aproximadamente 19 milhões de pessoas, formal e informalmente.

Embora haja toda essa força do empreendedorismo, muitas empresas nascentes não conseguem permanecer em atividade por muito tempo. Existem diversos motivos que podem atrapalhar a perpetuação de um negócio, tais como: conjuntura econômica, políticas públicas e características pessoais dos indivíduos, porém estes não cessam os fatores (SEBRAE, 2015). Além disso, os motivos que

¹ Acadêmico do curso de Ciências Contábeis da UNESC, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

² Doutora em Administração, Mestre em Ciências da Linguagem, Docente do curso de Ciências Contábeis da UNESC, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.



levam ao encerramento precoce das empresas, muitas vezes se repetem e se inter-relacionam, ou seja, atuam juntos (COUTO et al., 2017).

É necessário ressaltar que as pequenas e médias empresas desempenham uma função social e econômica relevantes, pois garantem empregos, geram renda e promovem o desenvolvimento da região em que estão inseridas. Apesar disso, as organizações operam em ambientes complicados, nos quais é necessário lidar com transformações econômicas, financeiras, políticas e sociais (PREVIDELLI; MEURER, 2005).

Considerando a relevância do empreendedorismo para o Brasil e os diversos fatores que podem causar o encerramento das empresas de forma precoce, surge a seguinte questão de pesquisa: Quais os principais fatores que levam ao encerramento de empresas na região sul de Santa Catarina?

O objetivo geral deste trabalho consiste em identificar os fatores determinantes da mortalidade empresarial da região sul de Santa Catarina na percepção do contador. Para alcançar o objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: caracterizar os escritórios de contabilidade; analisar o perfil dos empresários na visão do contador; identificar as principais causas do insucesso empresarial.

A realização deste trabalho se justifica, do ponto de vista teórico, pois se insere na linha dos estudos de Ferreira et al. (2008), Nascimento et al. (2013), Santini et al. (2015) e de Bohn et al. (2018), mediante a descoberta de fatores determinantes da mortalidade empresarial. Além disso, Ferreira et al. (2008) cita que no Brasil, diferentemente de outros países, ainda existem poucos estudos acerca da mortalidade de pequenas empresas. Da mesma forma, Santos e Lenzi (2018) afirmaram que o campo do empreendedorismo é emergente no Brasil, e que por não possuir uma teoria própria os estudos baseiam-se muito mais em fenômenos do que em teorias.

Outro fator que traz relevância para a pesquisa, é a contribuição que as pequenas empresas oferecem para o desenvolvimento econômico da nação. Considerando que as mesmas fornecem novos empregos à medida que são criadas e ampliadas; introduzem inovação, melhorando assim os produtos e os métodos de produção; estimulam a competição econômica, elevando, dessa forma, os padrões; e auxiliam as grandes empresas, por meio de funções de distribuição e fornecimento (LONGENECKER; MOORE; PETTY, 1997).

Do mesmo modo, Schreiber et al. (2013) afirmam que as micros e pequenas empresas são representativas em diversos setores de atividades e destacam-se devido à sua alta competência em gerar empregos e renda. Dessa forma, atuam melhorando o desenvolvimento econômico e diminuindo as desigualdades sociais.

O Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2017) também enfatiza a importância que a atividade empreendedora desempenha para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, tendo em vista sua alta capacidade de geração de empregos, trazendo ocupação e renda à muitas pessoas.

Na perspectiva prática, esse estudo poderá servir como objeto de auxílio para futuros empreendedores e para empreendedores já em atividade, a fim de que se busque evitar a mortalidade precoce de seus negócios. Acredita-se ainda, que a sociedade também se beneficia com o presente estudo, uma vez que o fortalecimento das empresas acarreta desenvolvimento para as regiões em que as mesmas estão inseridas.



Este artigo está estruturado da seguinte forma: Na primeira seção, está a introdução na qual são apresentados a contextualização do tema, objetivos e justificativa da pesquisa. Na segunda seção, está a fundamentação teórica que apresenta a revisão da literatura sobre empreendedorismo e mortalidade empresarial. Na terceira seção, os procedimentos metodológicos. Na sequência, a apresentação e análise de resultados e, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção apresenta-se uma síntese sobre os principais temas que amparam o estudo, a fim de compor o referencial teórico da pesquisa. Por meio de pesquisa bibliográfica foram abordados os seguintes temas: empreendedor, empreendedorismo, e mortalidade empresarial.

2.1 DO EMPREENDEDOR AO EMPREENDEDORISMO

Segundo Ferreira et al. (2008), nos últimos anos, o empreendedorismo ganhou força no Brasil e se tornou parte propulsora da economia, assim, o Estado e as empresas privadas começaram a dar mais atenção a essa atividade. Para Degen (2009), a livre iniciativa é um dos melhores recursos para o Brasil enfrentar os seus problemas socioeconômicos.

O empreendedorismo no Brasil ganhou maior evidência entre as décadas de 80 e 90, a partir da criação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. Esse órgão tem papel fundamental para o desenvolvimento de novos negócios, tendo em vista que presta auxílio aos empresários, contribuindo desde a abertura do negócio até consultorias para o negócio já em andamento (FERREIRA et al., 2008).

O conceito de empreendedor sofre com diferenças de pensamentos entre economistas e comportamentalistas. Enquanto os economistas associam o empreendedor à inovação e ao desenvolvimento, os comportamentalistas se concentram em aspectos criativos e intuitivos, buscando entender o empreendedor como pessoa (FILION, 1999).

Segundo Filion (1999), o autor comportamentalista que mais contribuiu com o empreendedorismo foi McClelland, para ele quanto maior o número de empreendedores e a importância dada para o tema, maior será o número de jovens que optarão por imitar esses modelos.

A respeito dos economistas, Filion (1999) afirma que foi Schumpeter quem associou, de forma clara, o empreendedorismo à inovação por meio da teoria de destruição criativa. Para Schumpeter (1982), o empreendedor pode ser caracterizado como um inovador, visto que, por meio dele, os consumidores são influenciados a quererem coisas novas ou diferentes das que possuem. Por esse motivo, o empreendedor promove a mudança e estimula o desenvolvimento econômico.

Para Degen (2009), as vantagens do processo de destruição criativa são evidentes tanto para o país quanto para a população, pois constantemente são gerados novos produtos e métodos, assim, a capacidade de produzir os bens e serviços necessários para a população se torna mais desenvolvida, aprimorada.

O espírito empreendedor não é caracterizado como um traço de personalidade e sim como um comportamento, por esse motivo, qualquer pessoa pode aprender a ser um empreendedor (DRUCKER, 1986). Segundo Dolabela (1999),



o empreendedor é a pessoa que decide por vontade própria o que fazer e como fazer, levando em consideração seus desejos e preferências. As pessoas que convivem em um ambiente onde o empreendedorismo é incentivado e visto como algo bom, terão maiores chances de abrir seu próprio negócio no futuro. Para o autor, são considerados empreendedores:

- Indivíduos que criam uma empresa;
- Pessoas que compram uma empresa e introduzem inovações;
- Empregado que introduz inovações em uma empresa, gerando criação de valor.

Empreender pode ser uma alternativa de jovens, profissionais bem-sucedidos e até mesmo de pessoas já aposentadas. Essa decisão, de abrir o próprio negócio e buscar a própria realização, pode surgir a partir de ideias pessoais ou de outras circunstâncias (SALIM et al., 2004).

Para Chiavenato (2005), o empreendedor é a pessoa que assume riscos e responsabilidades para iniciar um negócio, afim de realizar um projeto pessoal. Da mesma forma, Dornelas (2005) cita que o empreendedor é a pessoa que identifica uma oportunidade e cria determinada atividade para obter lucros, assumindo assim os riscos do negócio.

Guimarães Junior (2019) caracteriza os empreendedores como atores autogestores, pois, geralmente, realizam diversificadas tarefas dentro do negócio, indo desde a resolução de problemas técnicos até à tomada de decisão. Ao mesmo tempo, os empreendedores possuem maior liberdade pois conseguem fazer alterações na organização do trabalho, nas atividades e nos horários.

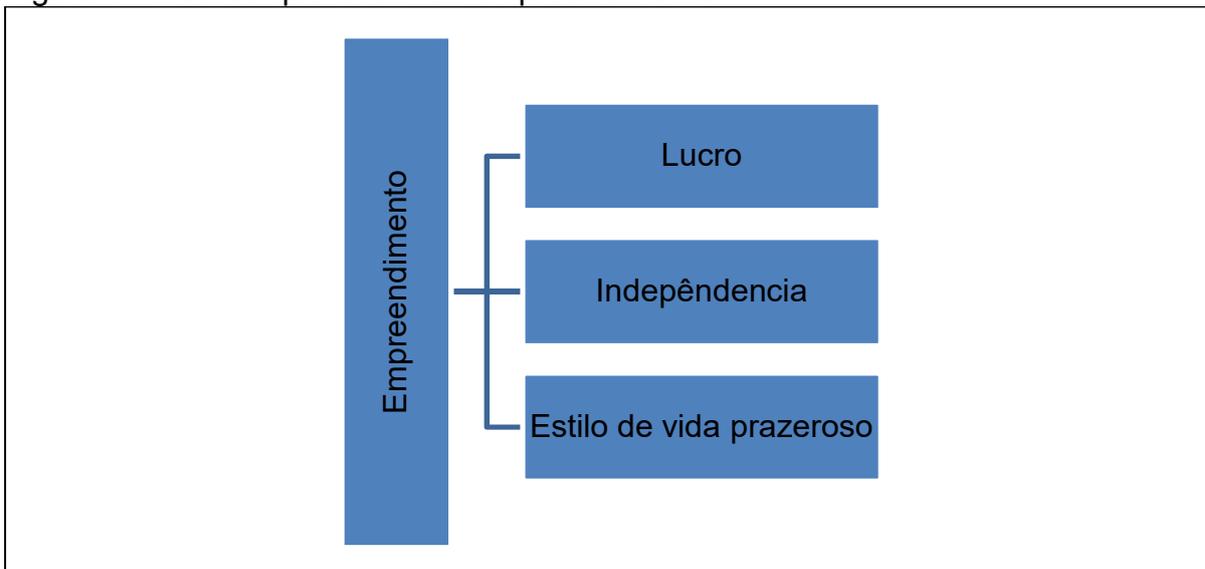
O surgimento e as mudanças no conceito de empreendedor revelam as transformações ocorridas e a própria evolução da nossa sociedade, saindo de uma economia agrária, indo para uma economia mercantil e, posteriormente, tornando-se uma sociedade industrial (VALE, 2014). Conforme o autor, as teorias ligadas ao empreendedor surgiram primeiramente na França e depois na Inglaterra, porém com o passar do tempo as colaborações francesas foram desaparecendo, permitindo assim que as contribuições inglesas se tornassem essenciais.

A respeito do empreendedor, Vale (2014) apresenta que alguns pensadores diferenciam os empreendedores por meio de características pessoais ou através da estrutura social. Referente as características pessoais estão por exemplo, fatores ligados à capacidade de inovação e assumir riscos, já as características de estrutura social estão ligadas a fatores variáveis como, por exemplo, religião ou inserção em determinado grupo ou rede social.

Focalizando os resultados de empreender, de acordo com Longenecker, Moore e Petty (1997), quando as pessoas são levadas a empreender elas são recompensadas por diversos fatores. Buscando uma visão simplificada desses fatores, os autores dividem os em três categorias básicas, conforme figura 1.



Figura 1 - Motivos que levam ao empreendimento



Fonte: Adaptado de Longenecker, Moore e Petty (1997).

Para Longenecker, Moore e Petty (1997), o empreendedorismo visa atender, de maneira simplificada, os três requisitos citados acima. O lucro representa o fato de que o empreendedor espera o seu retorno financeiro a partir do investimento realizado. Esse valor visa compensar não somente o investimento financeiro, mas também o tempo e os riscos assumidos pelo empresário.

A independência também é citada pelos autores como compensação para o empreendedorismo pelo fato de que muitas pessoas buscam ser seus próprios chefes e poder tomar suas próprias decisões, assim, acabam saindo de empresas para iniciar seu próprio negócio. O terceiro fator é o estilo de vida prazeroso, o qual se refere à satisfação que os empreendedores adquirem após abrir seu próprio negócio. Além da independência, citada no item anterior, esse prazer decorre da libertação da rotina e da monotonia de empregos não-desafiadores.

Conforme o relatório executivo da Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2018), 61,8% dos brasileiros empreendem pela oportunidade e 37,5% pela necessidade. Os empreendedores por oportunidade são aqueles que identificam a viabilidade de um negócio, já os empreendedores por necessidade são aqueles que não possuem outras alternativas de trabalho. Vale ressaltar que oportunidade e necessidade não esgotam os motivos pelo qual o empreendedorismo é concebido, existem ainda outros agentes que podem ser citados como: expectativas pessoais, influência de terceiros, insatisfação com emprego e influência familiar (VALE; CORRÊA; REIS, 2014).

Quadro 1 – Diferenças entre o empreendedorismo por oportunidade e o empreendedorismo por necessidade

Continua

OPORTUNIDADE	NECESSIDADE
Possui outras possibilidades de renda	Não possui outras possibilidades de renda



OPORTUNIDADE	NECESSIDADE
Visa a criação de um negócio viável e lucrativo	Visa a criação de um negócio para sustento próprio e da família
Possui maior escolaridade, mais tempo e mais recursos para conduzir o negócio	Possui menor escolaridade, menos tempo e menos recursos para conduzir o negócio
Busca criar e inovar, não apenas satisfazer a necessidade de renda	Possui urgência no recebimento dos lucros

Fonte: Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2016).

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2016), os empreendedores por necessidade não possuem uma alternativa melhor de trabalho, buscando assim, criar um negócio capaz de gerar rendimentos para sustentar a si mesmo e a sua família. A respeito dos empreendedores por oportunidade, o GEM classifica-os como pessoas capazes de identificar a possibilidade de um negócio lucrativo, e mesmo com outras possibilidades de renda, preferem criar sua própria empresa. Além disso, os empreendedores por oportunidade, geralmente, possuem maior nível de escolaridade, mais tempo e mais recursos para administrar o negócio.

Degen (2009) já defendia que os momentos de crise representam oportunidades para o empreendedor explorar novas tendências. Da mesma forma, Roldão, Monte-Mor e Tardin (2018) relatam que, com o cenário de recessão econômica, as pessoas ficam mais propensas ao empreendedorismo, ou seja, buscam novas oportunidades no mercado por meio do empreendedorismo por necessidade.

Discorrendo ainda sobre o empreendedorismo por necessidade, faz-se uma articulação com Gondim, Rosa e Pimenta (2017) que expõem a existência de uma forte relação entre o desemprego e a migração para o empreendedorismo. Essa migração foi evidenciada com mais relevância na forma de MEI (Micro Empreendedor Individual), mas também estava presente na forma de MPEs (Micro e Pequenas Empresas).

Neste sentido, Dornelas (2003) já destacava o empreendedorismo como aliado do desenvolvimento econômico, tendo em vista que ele dá suporte para as inovações. Para o autor, o empreendedorismo por oportunidade traz ainda mais desenvolvimento pois está diretamente ligado a inovação, ou seja, o empreendedor da oportunidade busca criar e inovar e não só satisfazer uma necessidade de renda.

Por fim, cabe ressaltar a importância do empreendedorismo, tendo em vista que independente da desigualdade existente nos estados brasileiros, o empreendedorismo sempre desempenha papel benéfico ao desenvolvimento da região (ALMEIDA; VALADARES; SEDIYAMA, 2017).

2.2 MORTALIDADE EMPRESARIAL

As empresas enfrentam constantes mudanças e, à medida que o tempo passa é necessário que sejam feitas adaptações no negócio para poder seguir em busca do sucesso. Essas adaptações podem ocorrer para: corrigir o atraso em relação a



décadas que passaram, adequar-se à novas exigências ou simplesmente para melhorar o que não está indo bem (GONÇALVES, 1998).

O indicador de mortalidade de empresas iniciantes no Brasil é bastante elevado principalmente nos três primeiros anos após a sua criação. As causas dessa mortalidade podem estar ligadas a abertura prematura do negócio, no qual o empresário não está familiarizado com o ambiente econômico e com as mudanças legais e fiscais (DOLABELA, 1999).

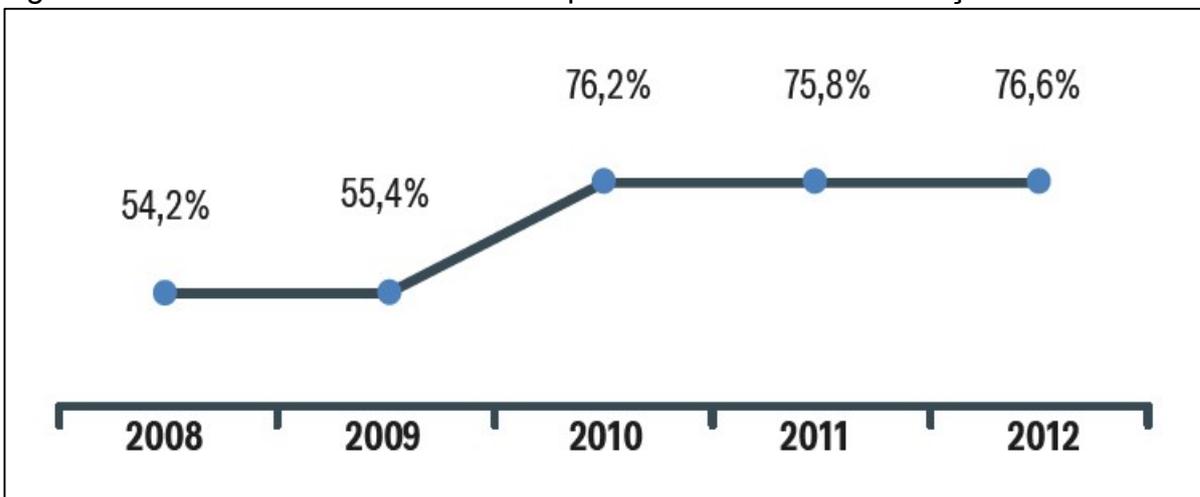
Segundo Machado e Espinha (2005), é importante saber se a mortalidade da empresa está ligada ao empreendedor, à empresa ou ao ambiente, para assim aplicar investimentos na área correta. Logo, compreender o ambiente em que a empresa está inserida, é um fator importante para a sobrevivência do negócio. Além disso, se a empresa tiver acesso a planejamentos, plano de negócios, estratégias de marketing e plano de ações, terá mais chances de permanecer no mercado (MORAES; MARKUS, 2015).

Segundo Nascimento et al. (2013), o empreendedorismo no Brasil se apresenta de forma mais quantitativa do que qualitativa, levando em consideração que todos os anos são abertas muitas empresas, mas poucas delas conseguem se manter e sobreviver no mercado. O autor afirma que isso ocorre também pelo motivo ao qual o empreendedor abriu o negócio, sendo mais voltado às necessidades pessoais de renda do que pela identificação de uma boa oportunidade de negócio.

Um estudo realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas – SEBRAE (2016), apresenta as principais variáveis ligadas a sobrevivência/mortalidade de empresas. Foi possível verificar que entre as empresas que encerraram suas atividades, haviam muitos empresários que não possuíam experiência no ramo, e que estavam desempregados antes de iniciar seu negócio, assim, abriram o empreendimento por necessidade. Esses mesmos empresários tiveram menos tempo para se planejar, não realizavam acompanhamento rigoroso entre receitas e despesas, não investiam em sua própria capacitação como gestor empresarial, dentre outros fatores. Ou seja, a junção de diversos fatores negativos tende a levar ao fechamento do negócio.

Por meio de gráficos, o SEBRAE apresenta a taxa de sobrevivência e taxa de mortalidade de empresas no Brasil até 2012, conforme figuras abaixo:

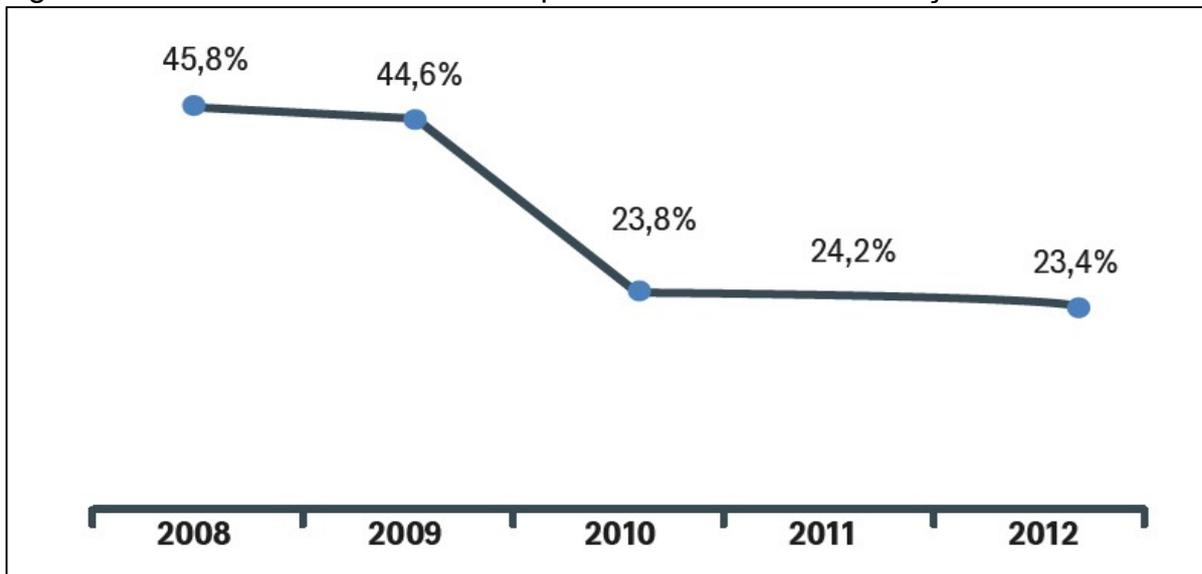
Figura 2 - Taxa de sobrevivência de empresas de dois anos: evolução no Brasil



Fonte: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2016, p. 16).



Figura 3 - Taxa de mortalidade de empresas de dois anos: Evolução no Brasil



Fonte: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2016, p. 17).

A taxa de mortalidade e taxa de sobrevivência se complementam, por esse motivo, de 2008 a 2012 quando a taxa de sobrevivência aumentou a taxa de mortalidade diminuiu. O SEBRAE (2016) esclarece que o aumento na taxa de sobrevivência e diminuição na taxa de mortalidade, ocorrido nesses anos, pode ser explicado pelos aspectos positivos em que o país se encontrava, isso beneficiou as empresas desse período.

Couto et al. (2017) relatam que as causas mais comuns que levaram ao encerramento das MPEs, em sua região, não estavam ligadas à apenas um fator e sim um conjunto deles. Ainda assim, os autores apresentam que a maior parte dos participantes de sua pesquisa citou a falta de clientes como principal motivadora do fracasso e que fatores ligados ao próprio empreendedor também somaram para o insucesso empresarial.

Sobre fatores ligados ao próprio empreendedor, tem-se o fato da confusão patrimonial, onde os empresários acreditam que podem utilizar os recursos da empresa a qualquer momento, assim pode existir uma grande desorganização no processo financeiro da instituição. É importante que haja conhecimento e utilização de instrumentos de controle financeiro, para que sejam evitadas inadimplências que acabem gerando a morte prematura da empresa (PREVIDELLI; MEURER, 2005). Ainda sobre a questão do empresário, Previdelli e Meurer (2005) citam que uma das causas da mortalidade de empresas pode ser pela forma com que os empresários pensam no início do negócio, visando primeiramente a satisfação pessoal e esquecendo de satisfazer as necessidades do mercado.

Dutra e Previdelli (2005), apontam para necessidade de capacitação dos empreendedores para garantir uma boa gestão do negócio, dedicando mais tempo e preparo na hora de empreender e buscando investir no seu próprio aprendizado e em ferramentas de gestão. Neste sentido, Bertolami (2018), afirma que o capital humano pode exercer influências na sobrevivência da empresa. Por esse motivo, a baixa escolaridade do empreendedor ser um motivo contribuinte para o fechamento do negócio.



A respeito do uso da contabilidade gerencial, Nunes, Miranda e Ferreira (2010) esclarecem que a maioria das micros e pequenas empresas utiliza a contabilidade apenas para atender o fisco, e que em poucos casos ela é aplicada para fins gerenciais. Esse fator pode contribuir com o insucesso empresarial pois a informação gerencial torna o processo decisório mais adequado e eficiente.

Couto et al. (2017) ratificam a importância do conhecimento gerencial, do planejamento e do plano de negócios, até mesmo para empresas de pequenos municípios. Esses instrumentos permitem que a empresa se mantenha firme em momentos que os fatores externos possam comprometer sua sobrevivência. Da mesma forma Bonh et al. (2018) afirmam que a falta de conhecimento gerencial é uma das principais causas de mortalidade de empresas iniciantes. Além disso, os próprios gestores reconhecem a importância de instrumentos gerenciais para a empresa, porém alguns deles afirmam não conseguir implementar esses controles por falta de conhecimento nessa área (BORGES; LEAL, 2015).

Além do conhecimento gerencial, o conhecimento tributário também é citado como fator que pode levar a empresa ao fracasso. Muitos empresários desconhecem o planejamento tributário e acabam usando meios ilícitos, como a sonegação fiscal, para diminuir o valor de seus tributos. Essa tentativa forçada de pagar menos tributos traz prejuízos para a empresa, pois quando descoberta, implica em processos criminais e aumenta consideravelmente o valor de tributos a pagar, comprometendo o resultado financeiro da instituição (BATISTA et al., 2012).

Batista et al. (2012) ratificam a importância de um profissional qualificado na área tributária para que seja feito um planejamento tributário antes de iniciar o negócio, a fim de que esse fator não se transforme em uma causa de fracasso para o empreendimento. É necessário observar que nem todas as empresas em fase inicial terão recursos para investir em planejamento tributário, porém quando possível, é importante que o faça.

O Quadro 2 apresenta os fatores citados pelos autores como elementos que contribuem para o fracasso do negócio:

Quadro 2 – Fatores que contribuem para o insucesso empresarial

Autor	Fatores
Batista et al. (2012)	Ausência de planejamento e de conhecimento tributário/estratégico, dificuldades para captação de financiamentos e de capital de giro e falta de clientes.
Nunes, Miranda e Ferreira (2010)	Não utilização das informações geradas pelos mecanismos contábeis.
Machado e Espinha (2010)	Fatores financeiros, falta de experiência gerencial, escolha do setor de negócios errada.
Bonh et al. (2018)	Nível de conhecimento gerencial e carga tributária.
Ferreira et al. (2008)	Ausência de planejamento, falta de inovação, nível de escolaridade e competência do empreendedor, concorrência, clientes e falta de assessoria contábil e jurídica.
Nascimento et al. (2013)	Falta de conhecimento de mercado e de capacitação do gestor, ausência de planejamento estratégico e de plano de negócios, mão de obra pouco qualificada, dificuldade de acesso ao crédito e ao capital de giro.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos autores.



De acordo com Ferreira et al. (2008), não existe apenas uma causa responsável pela mortalidade da empresa, porém, percebe-se que muitos fatores estão ligados à atuação do gestor, que geralmente é dono da empresa, ou seja, a sobrevivência ou morte da empresa sofre grande influência por parte do seu gestor.

Continuando com Ferreira et al. (2008), os fatores determinantes de mortalidade empresarial são inúmeros e as pesquisas quanto a isso apontam em diversas direções. Sendo assim, o autor dividiu os fatores em três grandes blocos de variáveis, conforme quadro:

Quadro 3 – Classificação dos fatores associados à mortalidade

Empreendedor	Negócio	Ambiente externo
<ul style="list-style-type: none"> • Competência na gestão empresarial; • Experiência no ramo; • Nível de escolaridade; • Profissionalização da relação com sócios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acesso ao crédito; • Mão de obra qualificada; • Planejamento estratégico; • Suporte jurídico e contábil; • Qualidade de produtos e serviços; • Inovação em produtos e serviços. 	<ul style="list-style-type: none"> • Burocracia legal e fiscal; • Competição dos concorrentes; • Demanda dos clientes; • Fornecedores, representantes, distribuidores e parceiros; • Carga de impostos e tributos.

Fonte: Ferreira et al. (2008, p.7).

Conforme o Quadro 3, Ferreira et al. (2008) divide os fatores causadores da mortalidade empresarial, em três grandes blocos, sendo: fatores ligados ao empreendedor como por exemplo sua forma de gestão, em seguida são identificados fatores ligados ao próprio negócio, que seriam especificidades de cada empresa, e por fim, fatores ligados ao ambiente externo, ou seja, fatores que não estão diretamente ligados a companhia.

Araújo, Morais e Pandolfi (2019) afirmam que quanto maior o nível de competência do empreendedor, desempenho da empresa e estabilidade no mercado, maiores são os índices de sobrevivência do negócio. Os autores afirmam ainda que, conhecendo os fatores que podem causar a fragilidade da empresa, pode-se criar estratégias que mantenham a vitalidade da organização.

3 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

Essa seção é composta por duas subseções, nas quais são abordados o enquadramento metodológico e os procedimentos de coleta e análise de dados. Os procedimentos buscam fornecer orientações a respeito da obtenção, processamento e validação dos dados referente à pesquisa, sendo que a escolha dos métodos determina quais procedimentos são utilizados pelo pesquisador (PRODANOV; FREITAS, 2013).



3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho utilizou a abordagem qualitativa. Segundo Vianna (2001), a pesquisa qualitativa deve possibilitar que o investigador identifique as formas como os sujeitos da pesquisa sentem e explicam sua realidade. Para o autor, os dados da pesquisa qualitativa são observados de forma indutiva, sem o propósito de confirmar hipóteses, mas de construir ideias sobre a questão estudada conforme as informações são reunidas. Para Michel (2015), o objetivo da pesquisa qualitativa é de explorar a visão de opiniões e as diferentes representações sobre o tema estudado.

Quanto aos objetivos, o estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, a qual busca verificar, descrever e explicar problemas da vida real sem modificar o ambiente em que esses fenômenos ocorrem (MICHEL, 2015). Retomando Gil (1999), o objetivo da pesquisa descritiva é de representar as características de determinada população ou estabelecer relações entre as variáveis estudadas.

No que tange aos procedimentos utilizados, foi realizada pesquisa documental e de campo. Para Diehl e Tatim (2004), a pesquisa documental consiste na utilização de materiais que ainda não foram profundamente analisados. Na pesquisa de campo se verifica como a teoria se comporta na vida real, e como essa teoria se aplica à realidade, não se preocupando apenas em encontrar soluções, mas também em entender a realidade por meio da observação das experiências e vivências (MICHEL, 2015).

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para a coleta de dados secundários foi realizada uma pesquisa documental no site da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina – JUCESC, buscando identificar e analisar o número de empresas encerradas no estado nos últimos anos.

Para a coleta de dados primários foi aplicado um questionário estruturado com contadores da região sul de Santa Catarina, contendo 13 questões, buscando assim, identificar as principais causas de mortalidade empresarial. Segundo Gil (1999), o questionário é uma técnica de investigação com o objetivo de conhecer as opiniões, sentimentos, expectativas e situações vivenciadas a partir de perguntas escritas.

Para isso, contou-se com o auxílio do Sindicato dos Contabilistas de Criciúma – SINDICONT, que encaminhou o questionário para todos os e-mails cadastrados em sua base de dados, sendo que essa base contava com aproximadamente quatro mil cadastros. Após obter uma pequena quantidade de respostas, foi necessário realizar contato com os escritórios de contabilidade por meio de acessibilidade. Na amostra por acessibilidade, são utilizados elementos que o pesquisador tem acesso, considerando que esses elementos possam representar o universo estudado, sem alto nível de precisão (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Assim, foram realizados contatos via e-mail e telefone, para solicitar que os contadores respondessem o questionário. Posteriormente à realização dos contatos, foram obtidos 34 questionários respondidos, passando, portanto, a compor a amostra da pesquisa. O questionário esteve disponível para receber respostas no período de 11/04/2019 à 24/05/2019.

Para elaboração das perguntas do questionário, utilizou-se como base os estudos de Ferreira et al. (2008), Nascimento et al. (2013) e Bohn et al. (2018). Sendo que os fatores de mortalidade utilizados no questionário (apêndice A) como opções para resposta são os mesmos identificados por Ferreira et al. (2008) e ilustrados no



Quadro 3. Assim, os fatores foram divididos em três blocos, sendo: empreendedor, negócio e ambiente externo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nessa seção são apresentados os dados obtidos por meio da pesquisa documental realizada com dados da JUCESC, e, em seguida, os dados obtidos na pesquisa de campo com contadores da região.

4.1 PESQUISA DOCUMENTAL

Para realizar a pesquisa documental foram utilizados dados secundários extraídos do site da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina (JUCESC), quanto aos números de constituições, extinções e falências no período de 2006 a 2018.

Cabe antes de apresentar os resultados, trazer os conceitos-significados dos termos aqui citados. Referente à constituição da empresa, de acordo com Brasil (1976, art. 94), “Nenhuma companhia poderá funcionar sem que sejam arquivados e publicados seus atos constitutivos”. Conforme o significado de constituir é “dar início a; tornar estável ou organizado; organizar ou estabelecer” (DICIO, 2019).

De acordo com Brasil (1976, art. 219), “Extingue-se a companhia: I - pelo encerramento da liquidação; II - pela incorporação ou fusão, e pela cisão com versão de todo o patrimônio em outras sociedades”.

Para Tomazette (2014), a falência é um processo que busca a liquidação do patrimônio do devedor, a fim de satisfazer os credores. Essa liquidação é realizada de forma coletiva, pois não busca satisfazer a necessidade de apenas um credor, mas sim de todos os envolvidos.

Quadro 4 – Dados de empresas no estado de Santa Catarina

ANO	CONSTITUIÇÕES	EV. (%)	EXTINÇÕES	EV. (%)	FALÊNCIA	EV. (%)
2006	23.342	0,00%	7.617	0,00%	14	0,00%
2007	26.440	13,27%	9.244	21,36%	27	92,86%
2008	28.639	8,32%	11.872	28,43%	28	3,70%
2009	28.583	-0,20%	10.855	-8,57%	31	10,71%
2010	26.080	-8,76%	11.097	2,23%	37	19,35%
2011	25.904	-0,67%	11.158	0,55%	23	-37,84%
2012	24.409	-5,77%	11.339	1,62%	33	43,48%
2013	24.873	1,90%	10.567	-6,81%	11	-66,67%
2014	22.788	-8,38%	15.325	45,03%	9	-18,18%
2015	21.759	-4,52%	23.161	51,13%	31	244,44%
2016	19.681	-9,55%	12.692	-45,20%	22	-29,03%
2017	20.663	4,99%	16.368	28,96%	38	72,73%
2018	28.328	37,10%	41.680	154,64%	31	-18,42%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da JUCESC (2019).

* O campo EV. (%) trata da evolução calculada em relação ao ano anterior.

Verifica-se que o número de constituições não seguiu nenhuma proporção de aumento ou diminuição. Durante o período estudado houve muitas variações nos



números, sendo que o menor número de constituições foi observado em 2016, e o maior número de constituições foi observado em 2008.

Referente às extinções ocorridas no estado de Santa Catarina, o número vem crescendo nos últimos anos, com exceção dos anos de 2009, 2013 e 2016. Pode-se observar, ainda, que o ano com menor número de extinções foi o ano de 2006 e o com o maior número de extinções foi o ano de 2018, que sofreu um aumento de mais de 100% em relação ao ano anterior.

A respeito de empresas que decretaram falência, os números também variaram ao longo do período estudado, sendo que o menor número de falências se encontra em 2014 com apenas 9 empresas, e o maior número está em 2017, com 38 falências.

Uma possível explicação para a diminuição de constituições de empresas em 2016 e 2017, bem como os resultados acerca das extinções em 2018, é dada pela crise político-econômica pela qual o Brasil passa, este contexto de crise foi um fator citado por especialistas como limitante para o empreendedorismo no Brasil (GEM, 2017).

No entanto, verifica-se que não houve um aumento ou diminuição proporcional entre os dados de constituições, extinções e falências no estado de Santa Catarina. Assim, tem-se uma relação com a teoria explicita por Ferreira et al. (2008) e Couto et al. (2017) no qual relatam que não existe um único e isolado fator que pode levar ao insucesso da empresa, e sim uma série de fatores. Da mesma forma, pode-se acreditar que, por diversos fatores, determinado ano pode ter sido de muito sucesso para algumas empresas e de insucesso para tantas outras.

4.2 PESQUISA DE CAMPO

4.2.1 Características dos escritórios de contabilidade

Para caracterizar os escritórios de contabilidade que participaram da pesquisa, inicia-se a apresentação identificando o número de clientes e setores atendidos.

Quadro 5 – Quantidade de clientes e setores atendidos pelo escritório de contabilidade

Quantidade de clientes do escritório de contabilidade	Comércio e Indústria	Serviços e Comércio	Serviços, Comércio e Indústria	Total Geral
1 a 20			3	3
21 a 40	1	1	4	6
41 a 60		1	1	2
61 a 80			8	8
81 a 100			3	3
101 a 150		1	4	5
151 a 200			7	7
Total Geral	1	3	30	34

Fonte: Dados da pesquisa.

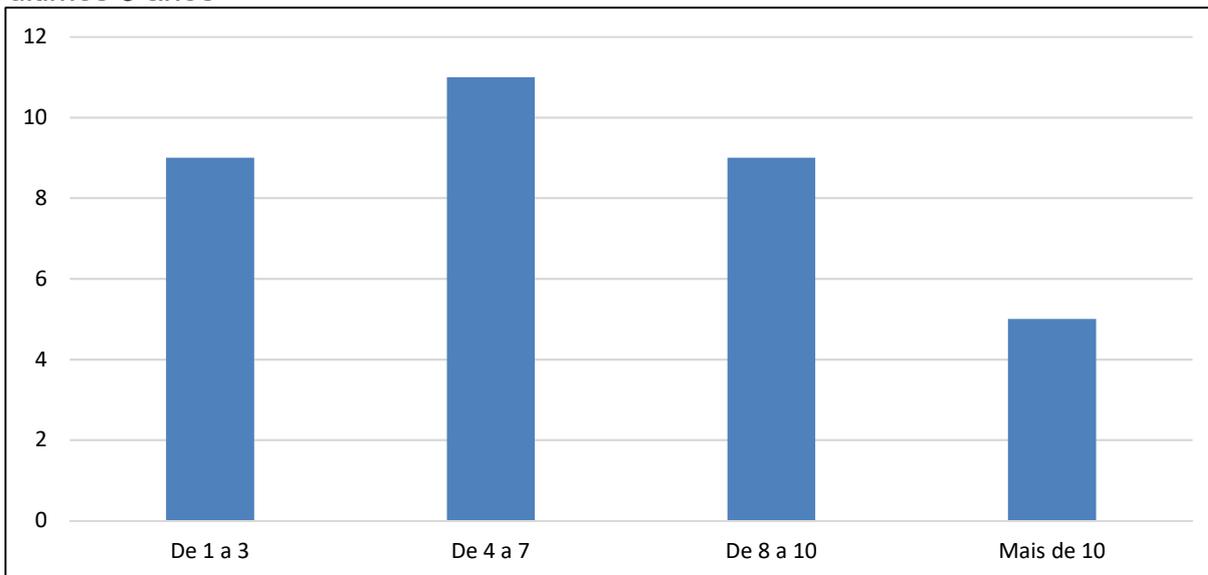
Verifica-se que 8 escritórios atendem de 61 a 80 clientes, em seguida 7 escritórios de 151 a 200 clientes e em terceiro lugar 6 escritórios que atendem de 21 a 40 clientes. Observa-se também que a maioria dos escritórios de contabilidade (30)



atende os três setores de atividades sendo eles: serviços, comércio e indústria, 1 escritório pesquisado atende apenas os setores de comércio e indústria, e 3 deles atendem somente os setores de serviços e comércio.

Em seguida os participantes foram questionados sobre a quantidade de clientes que encerraram suas atividades nos últimos 3 anos, cujos dados são apresentados no gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantidade de clientes que tiveram suas atividades encerradas nos últimos 3 anos



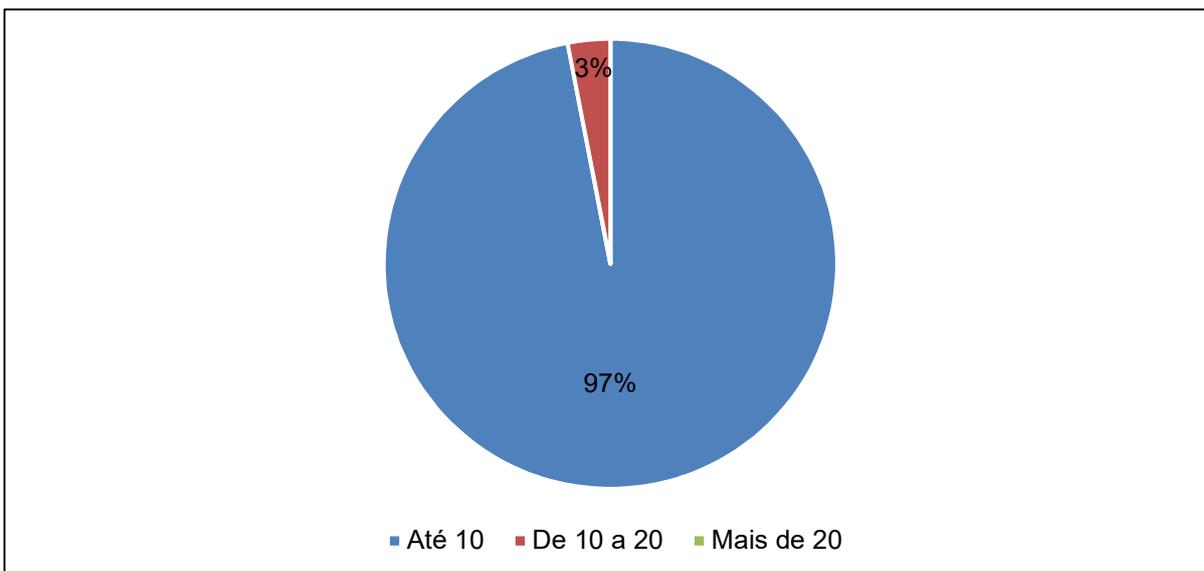
Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta pergunta, 11 participantes responderam que tiveram de 4 a 7 clientes que encerraram as suas atividades nos últimos três anos, e 5 participantes responderam que tiveram mais de 10 clientes que encerraram suas atividades. É possível verificar, então, que a maior parte dos respondentes teve até 10 clientes que fecharam seus negócios nos últimos três anos. Cinco respondentes afirmam que tiveram mais de 10 clientes que encerraram suas atividades nesse período, ou seja, mais de 50 empresas foram encerradas levando em consideração somente esses 5 respondentes.

Com o objetivo de conhecer melhor o universo das empresas que tiveram suas atividades encerradas nos últimos três anos, os participantes foram questionados sobre a quantidade de funcionários que elas possuíam, 97% responderam que as empresas tinham até 10 funcionários e 3% responderam que possuíam de 10 a 20 funcionários. De acordo com o SEBRAE (2013), alguns órgãos utilizam a quantidade de funcionários para determinar o porte de micro e pequenas empresas, sendo que neste caso as microempresas são as que possuem até 9 empregados nos casos de comércio e serviços, e até 19 pessoas nos setores industrial e construção. Já as pequenas empresas são aquelas que empregam de 10 a 49 pessoas nos setores de comércio e serviços, e de 20 a 99 pessoas nos setores industrial e construção.



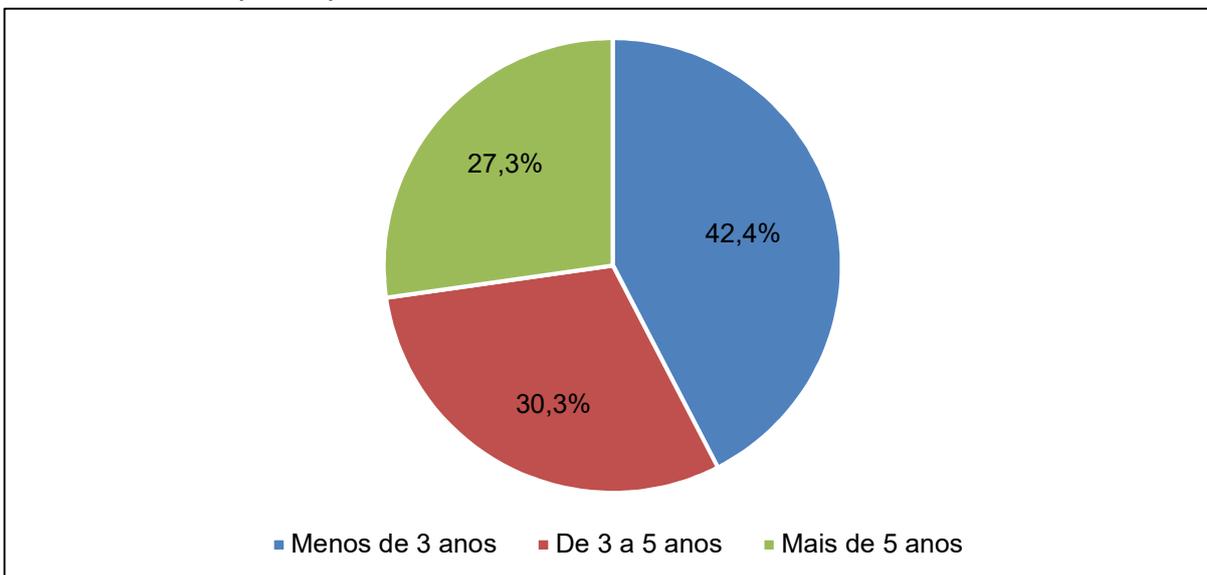
Gráfico 2 – Quantidade de funcionários nas empresas encerradas



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o tempo de permanência no mercado, 42,4% das empresas permaneceram por menos de 3 anos no mercado, 30,3% permaneceram de 3 a 5 anos, e 27,3% permaneceram por mais de 5 anos no mercado.

Gráfico 3 – Tempo de permanência no mercado



Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.2 Características dos empresários na percepção dos contadores

Em seguida, a fim de conhecer as características dos empresários que tiveram suas empresas encerradas, foram feitos questionamentos referentes ao grau de instrução, experiência e motivação para empreender. A respeito do grau de instrução, 67,7% dos participantes informam que os empresários possuíam o ensino médio completo, 12,9% possuíam o ensino superior, 9,7% possuíam o ensino fundamental, 6,5% não sabem informar sobre o assunto e apenas 3,2% possuíam



pós-graduação, mestrado ou doutorado. De acordo com Bertolami (2018), o capital humano exerce influência sobre a empresa, por isso, a baixa escolaridade do empreendedor pode aumentar as chances de insucesso do negócio.

Sobre a experiência, os participantes foram questionados se os empresários possuíam alguma experiência no ramo de atuação em que abriram o negócio. Igualmente, 32,4% não souberam informar sobre essa experiência dos empresários, e 32,4% disseram que os empresários possuíam menos de 1 ano de experiência. 20,6% responderam que os empresários possuíam de 1 a 5 anos de experiência, 11,8% mais de 5 anos e 2,9% não possuía nenhuma experiência. Batista et al. (2012) apontou diversos elementos ligados ao fracasso empresarial, sendo que um deles era a experiência na área de atuação. Além disso, Nascimento et al. (2013), defende que as empresas sobrevivem mais tempo quando possuem funcionários com experiência, pois existem dificuldades para manutenção de mão de obra de qualidade. Ainda sobre a questão de experiência, Ferreira et al. (2008), apresentou uma ligação entre o nível de escolaridade e a experiência do empreendedor, afirmando que os empresários que estudam mais buscam substituir a falta de experiência.

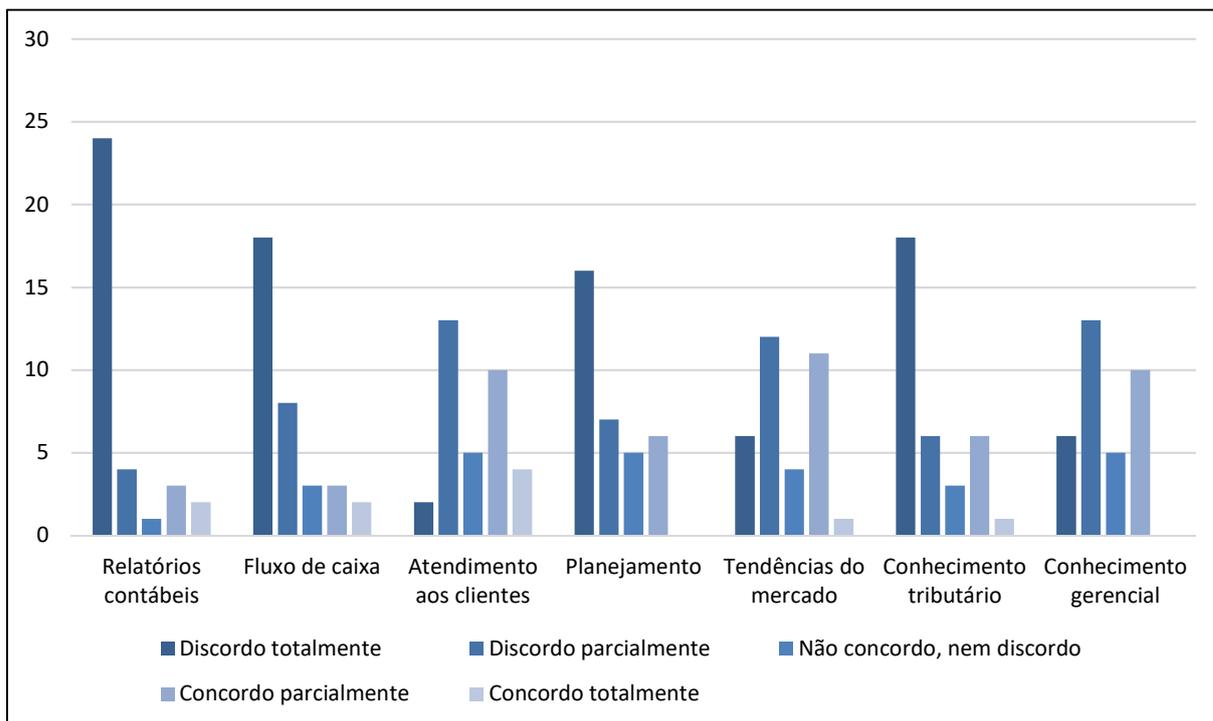
Em seguida, os participantes foram questionados se os empresários realizaram algum curso para se preparar para abrir a empresa, a maioria dos respondentes - 70,6% - respondeu que os empresários não se preparam para abrir a empresa e 29,4% dos contadores não sabe informar sobre este assunto. Nenhum dos pesquisados respondeu que houve preparação do empresário. Para Dutra e Previdelli (2005), é necessário que exista a capacitação dos empreendedores para garantir uma boa gestão, buscando dedicar mais tempo e investimentos para o seu próprio aprendizado.

Sobre a motivação de empreender, 64,7% dos respondentes responderam que os empresários abriram seus negócios por oportunidade, ou seja, pela verificação da possibilidade de um negócio viável, 26,5% responderam por necessidade, que é a falta de outra possibilidade de renda, e 8,8% não souberam informar sobre este assunto. Este resultado possui relação com os resultados apresentados pelo relatório da Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2017), no qual também se apresentou que maior parte de empreendedores brasileiros, sendo 59,4% eram motivados pela oportunidade e 39,9% eram motivados pela necessidade.

Dando continuidade à pesquisa, os contadores foram questionados sobre a utilização de ferramentas e os conhecimentos dos empresários para gerenciamento do negócio. Assim, por meio de uma escala com cinco níveis, foi possível verificar as opiniões dos profissionais de contabilidade.



Gráfico 4 – Utilização de ferramentas e conhecimento dos empresários



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do gráfico 4, verificou-se que 24 participantes responderam que os empresários que tiveram suas empresas fechadas não faziam uso de relatórios contábeis.

A respeito da questão utilização do fluxo de caixa, foi possível verificar na visão de 18 participantes que os empresários não realizavam o controle de fluxo de caixa. De acordo com Previdelli e Meurer (2005), é importante que sejam utilizados instrumentos financeiros para evitar inadimplências e a consequente morte da empresa.

Referente ao atendimento ao cliente, percebeu-se que houve uma certa aproximação dos resultados, no qual 14 participantes concordam que os empresários acompanham os clientes e 15 participantes discordam dessa afirmação.

Sobre a realização e seguimento do planejamento, a maior parte dos pesquisados tem a percepção de que esses instrumentos não eram utilizados pelos empresários. Ferreira et al. (2008), Batista et al. (2012) e Nascimento et al. (2013) já citavam o planejamento como fator importante para a sobrevivência das empresas.

Em relação ao acompanhamento de tendências do mercado, houve também uma certa divisão nas opiniões dos participantes, no qual 18 deles acreditam que essas tendências não são acompanhadas pelos empresários e 12 acreditam que essas tendências são sim acompanhadas.

Acerca do conhecimento tributário, 18 participantes responderam que os empresários não possuíam conhecimento na área tributária. Da mesma forma, Batista et al. (2012) já manifestavam a importância do profissional qualificado para elaboração do planejamento tributário antes de abrir o negócio.

No que tange o conhecimento gerencial, 13 participantes discordaram parcialmente e 6 participantes discordaram totalmente com a afirmativa que dizia que os empresários possuíam esse conhecimento. Cabe ressaltar a importância do



conhecimento e utilização de instrumentos gerenciais, tendo em vista que esses instrumentos tornam a empresa mais eficiente e permitem que ela se mantenha em momentos que os fatores externos possam comprometer sua sobrevivência (NUNES; MIRANDA; FERREIRA, 2010), (BORGES; LEAL, 2015), (COUTO et al., 2017) e (BONH et al., 2018).

4.2.3 Fatores determinantes para a mortalidade empresarial

Em seguida, os respondentes foram questionados sobre os fatores considerados determinantes para a mortalidade empresarial, nessa questão os fatores foram divididos em 3 grandes blocos, sendo: fatores ligados ao empresário, fatores ligados ao próprio negócio e fatores ligados ao ambiente externo conforme proposta de Ferreira et. al (2008).

Gráfico 5 – Fatores determinantes da mortalidade ligados ao empresário

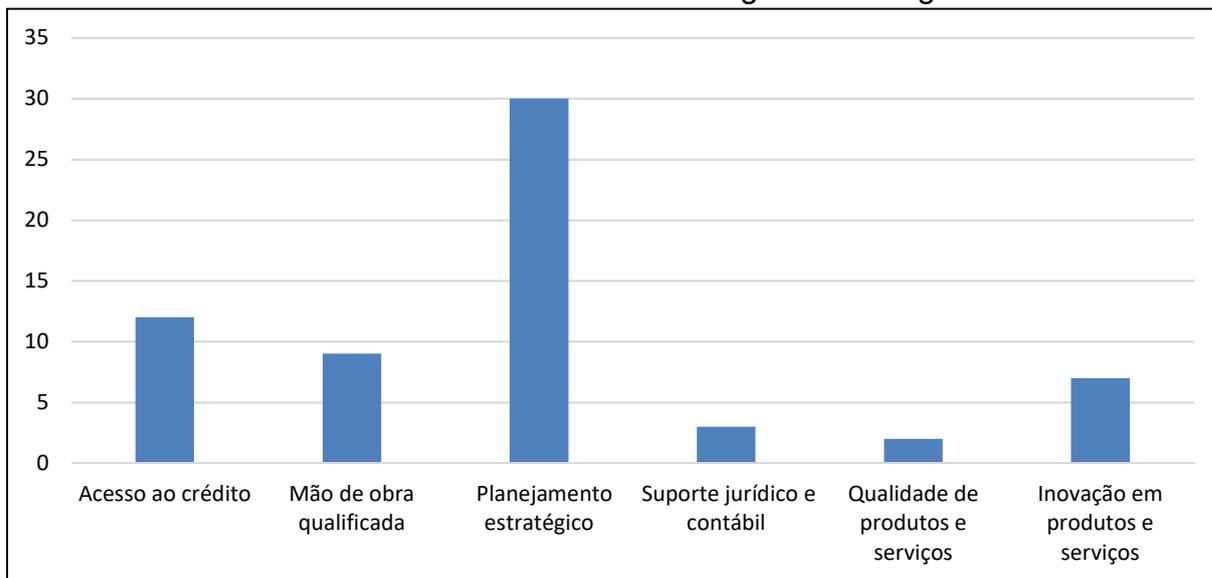


Fonte: Dados da pesquisa.

A respeito de fatores ligados ao próprio empresário, foram considerados determinantes para a mortalidade empresarial na seguinte ordem: falta de competência na gestão (52%), ausência de experiência no ramo (20%), falta de profissionalização da relação com os sócios (20%) e por último o baixo nível de escolaridade (8%).



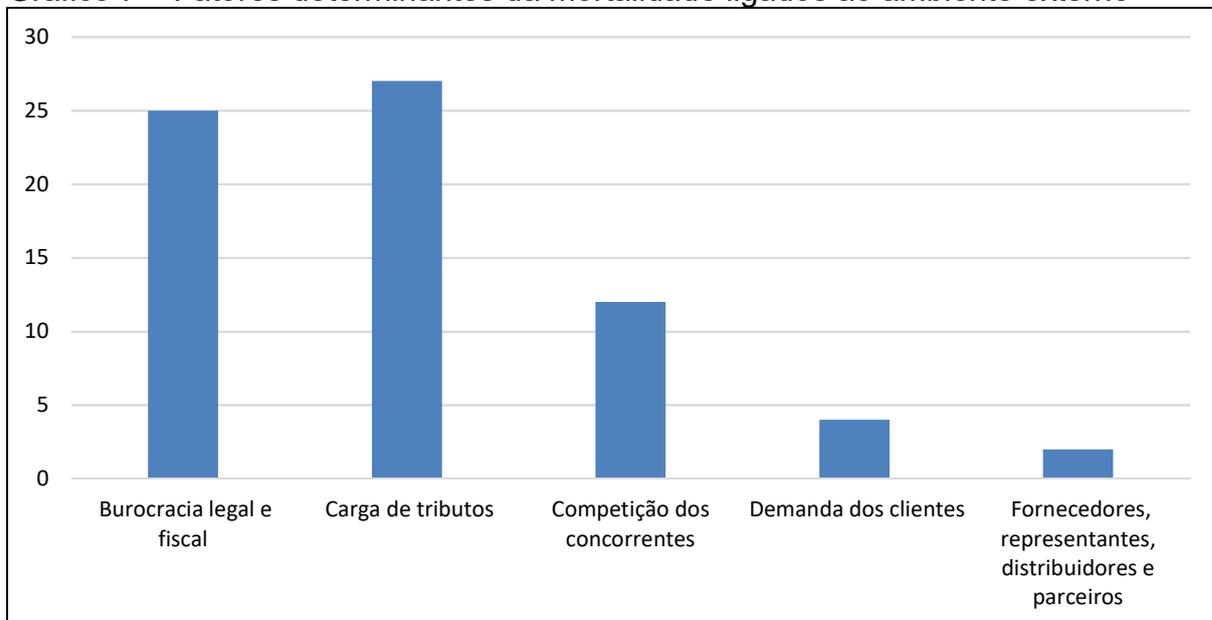
Gráfico 6 – Fatores determinantes da mortalidade ligados ao negócio



Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange fatores ligados ao próprio negócio, foram citados os fatores considerados determinantes para a mortalidade empresarial na seguinte ordem: falta de planejamento estratégico (47,62%), seguido de difícil acesso ao crédito (19,05%), mão de obra pouco qualificada (14,29%), inexistência de inovação em produtos e serviços (11,11%), ausência de suporte jurídico e contábil (4,76%) e falta qualidade de produtos e serviços (3,17%).

Gráfico 7 – Fatores determinantes da mortalidade ligados ao ambiente externo



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre os fatores ligados ao ambiente externo, foram indicados como determinantes para a mortalidade empresarial na seguinte ordem: carga de tributos (38,57%), burocracia legal e fiscal (35,71%), competição dos concorrentes (17,14%),



demanda dos clientes (5,71%) e dificuldades com fornecedores, representantes, distribuidores e parceiros (2,86%).

Ao final da pesquisa, os participantes puderam dar sugestões a fim de auxiliar empresários que já estão no mercado e futuros empresários. Entre as sugestões feitas estão: realizar planejamentos, buscar treinamentos para especialização, acreditar no seu talento, não confundir o patrimônio pessoal com o da empresa, ter informações de custos e de mercado para verificar a viabilidade do negócio. A respeito da confusão patrimonial, Previdelli e Meurer (2005) já citavam esse fator como prejudicial para o negócio, tendo em vista que essa ação pode gerar desorganização no processo financeiro e trazer prejuízos para a empresa. Além disso, os respondentes aconselharam os empresários a procurarem um profissional capacitado para auxiliar no empreendimento, “antes de abrir seu próprio negócio procurar um consultor contábil, tudo tem que ser avaliado em planilhas inclusive os riscos”. Com isso, constitui-se uma relação entre o empreendedorismo e a contabilidade, na qual o contador é o profissional capacitado para auxiliar os empreendedores em assuntos de suma importância como assuntos gerenciais e tributários (BATISTA et al., 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção 4 foram caracterizados os escritórios de contabilidade por meio da identificação da quantidade de clientes, setores atendidos e quantidade de empresas clientes que encerraram suas atividades nos últimos três anos. Em seguida foram analisados o perfil dos empresários que tiveram suas empresas encerradas, no qual verificou-se o grau de instrução, experiência, motivação para empreender e utilização de ferramentas como: relatórios contábeis, fluxo de caixa, atendimento aos clientes, planejamento, tendências de mercado, conhecimento tributário e conhecimento gerencial. Por fim, foram identificadas as principais causas de insucesso empresarial, sendo que essas 15 causas encontradas foram divididas em três blocos de estudo: empresário, negócio e ambiente externo.

Enfim, encontrou-se os fatores determinantes da mortalidade empresarial da região sul de Santa Catarina na percepção do contador, sendo: em relação ao empresário a falta de competência na gestão, em relação ao negócio a falta de planejamento estratégico e em relação ao ambiente externo a carga de tributos.

Vale ressaltar que, os fatores citados na pesquisa não encerram a lista de problemas que as empresas enfrentam diariamente para sobreviver no mercado. Da mesma maneira que Ferreira et al. (2008) e Couto et al. (2017), o estudo demonstrou que não existe um único e isolado fator causador da mortalidade empresarial, mas sim uma série de fatores que podem contribuir juntos para o insucesso da empresa.

A principal contribuição deste trabalho foi trazer a percepção dos contadores para análise dos fatores que levam as empresas a fecharem suas portas.

Como limitação de estudo, constatou-se uma certa dificuldade em obter respostas para o questionário, levando em consideração a grande quantidade de escritórios e contadores contatados e o pequeno número de participantes.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a comparação dos fatores determinantes na mortalidade de empresas na visão dos contadores e dos próprios empresários da região, pois tendo percepções diferentes em relação ao tema poderão ser encontradas mais variáveis.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Maria; VALADARES, Josiel Lopes; SEDIYAMA, Gislaine Aparecida Santana. A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados brasileiros. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 466-494, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/48373/a-contribuicao-do-empreendedorismo-para-o-crescimento-economico-dos-estados-brasileiros->. Acesso em: 15 out. 2018.

ARAÚJO, Felipe Emidio de; MORAIS, Fábio Rogério de; PANDOLFI, Edgar de Souza. A fábula dos mortos-vivos: determinantes da mortalidade empresarial presentes em micro e pequenas empresas ativas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 8, n. 2, p.250-271, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/53306/the-fable-of-the-living-dead--determinants-of-corporate-mortality-present-in-micro-and-small-active-enterprises>. Acesso em: 22 mai. 2019.

BATISTA, Fabiano Ferreira *et al.* Uma investigação acerca da mortalidade das microempresas e empresas de pequeno porte da cidade de Sousa, PB. **Reunir - Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 2, n. 1, p.56-71, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/38274/uma-investigacao-acerca-da-mortalidade-das-microempresas-e-empresas-de-pequeno-porte-da-cidade-de-sousa--pb>. Acesso em: 15 out. 2018.

BERTOLAMI, Mariana *et al.* Sobrevivência de empresas nascentes: influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p.311-335, mai./jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552018000300311&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2018.

BOHN, Ana Célia *et al.* Fatores que impactam no encerramento prematuro de empresas de pequeno porte: estudo no litoral de Santa Catarina. **Navus - Revista de Gestão e Tecnologia**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p.43-56, abr. 2018. Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial / SENAC SC. Disponível em: <http://navus.sc.senac.br/index.php/navus/article/view/607/pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

BORGES, Lara Fabiana Moraes; LEAL, Edvalda Araújo. Utilidade da informação contábil gerencial na gestão das micro e pequenas empresas: um estudo com empresas do programa empreender de Uberlândia – MG. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 3, p.116-146, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/39886/utilidade-da-informacao-contabil-gerencial-na-gestao-das-micro-e-pequenas-empresas--um-estudo-com-empresas-do-programa-empreender-de-uberlandia-----mg>. Acesso em: 15 out. 2018.

BRASIL. **LEI Nº 6.404**, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as sociedades por ações. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6404consol.htm. Acesso em: 28 mai. 2019.



CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2005. 278 p.

COUTO, Marcelo Henrique Gomes *et al.* Mortalidade precoce das micro e pequenas empresas: estudo das principais causas de falência empresarial em Bambuí/MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 11, n. 3, p.39-53, dez. 2017. ANPAD. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/48277/mortalidade-precoce-das-micro-e-pequenas-empresas--estudo-das-principais-causas-de-falencia-empresarial-em-bambui-mg>. Acesso em: 15 out. 2018.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/constituir/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: Métodos e técnicas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. 168 p.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. 6. ed. São Paulo: de Cultura, 1999. 280 p.

DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo Corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 183 p.

DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 293 p.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)**: prática e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1986. 378 p. Tradução de: Carlos Malferrari.

DUTRA, Ivan de Souza; PREVIDELLI, José de Jesus. Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 3, n. 1, p.29-50, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/32967/fatores-condicionantes-da-mortalidade-de-empresas--um-estudo-dos-empresarios-de-micro-e-pequenas-empresas-paranaenses>. Acesso em: 22 mai. 2019.

FERREIRA, Luís Fernando Filardi *et al.* Fatores associados à mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **XXXII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, set. 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO-C727.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 2, n. 34, p.5-28, abr./jun. 1999. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18122/empreendedorismo-->



empreendedores-e-proprietarios-gerentes-de-pequenos-negocios. Acesso em: 06 jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil 2016**. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/49919>. Acesso em: 07 fev. 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo, 2017**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Global Report 2018/2019**. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/gem-2018-2019-global-report>. Acesso em: 01 jun. 2019.

GONÇALVES, José Ernesto Lima. A necessidade de reinventar as empresas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 6-17, abr./jun. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901998000200002. Acesso em: 15 out. 2018.

GONDIM, Mireille Dias; ROSA, Maycon Peter da; PIMENTA, Marcio Marvilla. Crise versus empreendedorismo: Microempreendedor Individual (MEI) como Alternativa para o Desemprego na Região Petrolífera da Bacia de Campos e Regiões Circunvizinhas. **Pensar contábil**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 34-43, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/48858/crise-versus-empreendedorismo--microempreendedor-individual--mei--como-alternativa-para-o-desemprego-na-regiao-petrolifera-da-bacia-de-campos-e-regioes-circunvizinhas->. Acesso em: 15 out. 2018.

GUIMARÃES JÚNIOR, Edward Humberto. Como os Empreendedores Trabalham: Uma Leitura Psicodinâmica da Organização do Trabalho de um Grupo de Empreendedores. **Regepe - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Goiás, v. 8, n. 1, p.149-175, jan. 2019. Disponível em: <http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/889>. Acesso em: 07 fev. 2019.

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA – JUCESC. **Informações estatísticas**, 2019. Disponível em: <http://www.jucesc.sc.gov.br/index.php/informacoes/estatisticas>. Acesso em: 15 mar. 2019.

LONGENECKER, Justin G.; MOORE, Carlos W.; PETTY, J. Willian. **Administração de pequenas empresas: ênfase na gerência empresarial**. São Paulo: Makron Books, 1997. 868 p. Tradução de: Maria Lucia G. L. Rosa e Sidney Stancatti.



MACHADO, Hilka P. Vier; ESPINHA, Pedro Guena. Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, Paraná, v. 3, n. 1, p. 51-64, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/32968/reflexoes-sobre-as-dimensoes-do-fracasso-e-mortalidade-de-pequenas-empresas>. Acesso em: 15 out. 2018.

MACHADO, Hilka P. Vier; ESPINHA, Pedro Guena. Empreendedorismo e franchising: uma combinação que garante a sobrevivência? **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 4, art. 100, p. 131-153, jul./ago. 2010. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/4221/empreendedorismo-e-franchising--uma-combinacao-que-garante-a-sobrevivencia->. Acesso em: 15 out. 2018.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 304 p.

MORAES, Cláudio Zanutim; MARKUS, Kleber Longevidade empresarial: MPEs a uma taxa de sobrevivência atípica. **Caderno Profissional de Administração da UNIMEP**, v. 5, n. 1, p. 112-129, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/36909/longevidade-empresarial--mpes-a-uma-taxa-de-sobrevivencia-atipica>. Acesso em: 15 out. 2018.

NASCIMENTO, Marcelo *et al.* Fatores determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas da região metropolitana de Florianópolis sob a ótica do contador. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 6, n. 2, p. 244-283, mai./ago. 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/29250/fatores-determinantes-da-mortalidade-de-micro-e-pequenas-empresas-da-regiao-metropolitana-de-florianopolis-sob-a-otica-do-contador>. Acesso em: 15 mar. 2019.

NUNES, Kaline Di Pace; MIRANDA, Luiz Carlos; FERREIRA, Kátia Alessandra da Silva. Dura lição: aprendendo com os pequenos empresários que fecharam seus negócios. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 48-63, 2010. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/5867/dura-licao--aprendendo-com-os-pequenos-empresarios>. Acesso em: 15 out. 2018.

PREVIDELLI, José J; MEURER, Vilma. **Gestão da micro, pequena e média empresa no Brasil**: Uma Abordagem Multidimensional. Maringá: Unicorpore, 2005. 244 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2019.



ROLDÃO, Tarciane; MONTE-MOR, Danilo Soares; TARDIN, Neyla. A influência da recessão econômica na intenção de empreender: Uma Análise Cross-Country Baseada na Crise do Subprime. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 85, p. 320-338, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/49203/a-influencia-da-recessao-economica-na-intencao-de-empreender-uma-analise-cross-country-baseada-na-crise-do-subprime/i/pt-br>. Acesso em: 15 out. 2018.

SALIM, Cesar Simões *et al.* **Administração empreendedora: Teoria e prática usando estudos de casos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 226 p.

SANTINI, Sidineia *et al.* Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.8, n.1, p.1-1, abr. 2015. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/article/view/2121>. Acesso em: 15 out. 2018.

SANTOS, Daniella Haendchen; LENZI, Fernando César. Scientific production in entrepreneurship in brazilian universities: the expoent researchers in the area. **Revista Capital Científico - Eletrônica**, Itajaí, v. 16, n. 4, p.26-42, out./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/5384/pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.

SCHREIBER, Dusan; BESSI, Vânia Gisele; PUFFAL, Daniel Pedro; TONDOLO, Vilmar Antonio Gonçalves. Posicionamento estratégico de MPE's com base na inovação através do modelo Hélice Tríplice. **READ - Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 767-795, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/17611>. Acesso em: 15 out. 2018.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 169 p. Tradução de: Maria Sílvia Possas.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa 2013**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2013.pdf. Acesso em: 13 jun. 2019.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Relatório especial. O empreendedorismo e o mercado de trabalho, 2015**. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/\\$File/7737.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/$File/7737.pdf). Acesso em: 15 jan. 2019.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Sobrevivência das empresas no Brasil, 2016**. Disponível em:



<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **6 Tendências de sustentabilidade para pequenos negócios, 2017.**

Disponível em:

<http://sustentabilidade.sebrae.com.br/Sustentabilidade/Para%20sua%20empresa/Publica%C3%A7%C3%B5es/Sebrae%20-%20Estudos%20de%20Tend%C3%Aancias%20a%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf>.

Acesso em: 15 jan. 2019.

TOMAZETTE, Marlon. **Curso de direito empresarial: Falência e recuperação de empresas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 648 p.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p.874-891, dez. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rac/v18n6/1982-7849-rac-18-6-0874.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CORRÊA, Victor Silva; REIS, Renato Francisco dos. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade?

Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 311-327, mai./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v18n3/v18n3a05.pdf>.

Acesso em: 15 out. 2018.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica.** São Paulo: E.P.U., 2001. 288 p.



APÊNDICE(S)



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA CONTADORES

Parte 1 - Características do escritório de contabilidade

1 - Quantidade de empresas clientes do escritório:

- 1 a 20
- 21 a 40
- 41 a 60
- 61 a 80
- 81 a 100
- 101 a 150
- 151 a 200

2 – Setores atendidos pelo escritório:

- Serviços
- Comércio
- Indústria

3 - Quantidade de empresas clientes que encerram suas atividades nos últimos 3 anos:

- Nenhuma
- De 1 a 3
- De 4 a 7
- De 8 a 10
- Mais de 10

4 - Das empresas encerradas nos últimos 3 anos, quantas delas eram:

- EPP
- MEI
- LTDA
- EIRELI
- ME

Parte 2 - Características dos empresários e das empresas

5 - Qual o grau de instrução da maioria dos empresários?

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior
- Pós-graduação – Mestrado – Doutorado
- Não sabe informar

6 - A maioria dos empresários possuía experiência no ramo em que abriu o negócio?

- Não possuía experiência no ramo
- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos



- Mais de 5 anos
- Não sabe informar

7 - A maioria dos empresários realizou algum curso para se preparar para abrir a empresa?

- Sim
- Não
- Não sabe informar

8 - A maioria dos empresários abriram o negócio por:

- Oportunidade (verificação da possibilidade de um negócio viável)
- Necessidade (falta de outra possibilidade de renda)
- Não sabe informar

9 - A maioria das empresas fechadas possuíam quantos funcionários?

- Até 10
- De 10 a 20
- Mais de 20

10 - A maioria das empresas fechadas permaneceu quanto tempo no mercado?

- Menos de 3 anos
- De 3 a 5 anos
- Mais de 5 anos

Parte 3 - Perspectiva do contador

11 - Na sua percepção, os empresários cujas empresas fecharam nos últimos 3 anos:

Escala	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Faziam uso de relatórios contábeis					
Controlavam fluxo de caixa					
Acompanhavam o atendimento aos clientes					
Realizavam e seguiam um planejamento					
Acompanhavam as tendências do mercado					
Possuíam conhecimento tributário					
Possuíam conhecimento gerencial					

Fonte: Elaborado pelo autor.



12 - Em sua percepção, quais dos fatores abaixo são determinantes para a mortalidade empresarial:

12.1 - Sobre os empreendedores:

- Falta de competência da gestão empresarial
- Ausência de experiência no ramo
- Baixo nível de escolaridade
- Falta de profissionalização da relação com sócios

12.2 - Sobre o negócio:

- Difícil acesso ao crédito
- Mão de obra pouco qualificada
- Falta de planejamento estratégico
- Ausência de suporte jurídico e contábil
- Falta de qualidade de produtos e serviços
- Inexistência de inovação de produtos e serviços

12.3 - Sobre o ambiente externo à empresa:

- Burocracia legal e fiscal
- Competição dos concorrentes
- Demanda dos clientes
- Dificuldades com fornecedores, representantes, distribuidores e parceiros
- Carga de impostos e tributos

13 - Você gostaria de deixar alguma sugestão para atuais e futuros empreendedores?

- Caixa de texto para resposta